

Terror no Cone Sul: Uma análise sobre o Caso Amia – 1994

Terror in the Southern Cone: An Analysis of the Amia Case – 1994

Paulo Roberto Alves Teles¹**Resumo**

O presente artigo é fruto de investigações iniciais e tem como objetivo analisar o processo de formação do fundamentalismo islâmico contemporâneo e o atentado contra a Associação Mútua Israelita Argentina (AMIA) em Buenos Aires. Para isso, utilizamos como metodologia a análise historiográfica sobre o nascimento do fundamentalismo islâmico e os seus principais elementos ideológicos, como também obras e reportagens que se debruçaram sobre o atentado contra a AMIA. O trabalho se dedica a retomar o debate acadêmico sobre o nascimento do fundamentalismo islâmico como uma ferramenta de ativismo político e, nesse sentido, entende que o atentado promovido em Buenos Aires teria sido um desdobramento desse posicionamento ideológico. Somam-se a isso, os elementos antissemitas históricos presentes na Argentina, que reúne simultaneamente as maiores comunidades judaicas e árabes da América Latina. Corrupção, negligência e envolvimento de agentes do governo argentino também foram considerados neste trabalho como aspectos potencializadores para esse traumático evento que ainda continua imerso em suspeitas e questionamentos.

Palavras-chave: Extremismo. Fundamentalismo Islâmico. América Latina.

Abstract

This article is the result of initial investigations and aims to analyze the process of formation of contemporary Islamic fundamentalism and the attack against the Argentine Israeli Mutual Association (AMIA) in Buenos Aires. For this, we use as a methodology the historiographic analysis on the birth of Islamic fundamentalism and its main ideological elements as well as works and reports that focused on the attack against AMIA. The work is dedicated to retake the academic debate on the birth of Islamic fundamentalism as a tool of political activism and in this sense, understands that the attack promoted in Buenos Aires would have been a deployment of this ideological position. Add to this the historical anti-Semitic elements present in Argentina, which brings together the largest Jewish and Arab communities in Latin America. Corruption, negligence and involvement of agents of the Argentine government were also considered in this work as potential aspects for this traumatic event that remains immersed in suspicion and questioning.

Keywords: Extremism. Islamic Fundamentalism. Latin America.

¹Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), doutorando em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: pauloteles_aju@hotmail.com

Recebido em 12 de fevereiro de 2018. Aprovado em 03 de dezembro de 2019

Introdução

Buenos Aires, 18 de julho de 1994. 09h53. A Argentina é surpreendida com mais um ataque contra a sua comunidade judaica (dois anos antes, a Embaixada Israelense também havia sofrido um atentado), o maior da América Latina. Dessa vez, o atentado ocorrera contra a Associação Mútua Israelita Argentina (AMIA) e fora responsável pela morte de 85 pessoas, além de ter sido responsável por centenas de feridos. O presente artigo é fruto de investigações iniciais sobre o tema e tem como objetivo analisar o processo de formação do fundamentalismo islâmico contemporâneo e o atentado contra a AMIA.

Maior ataque terrorista ocorrido na América do Sul, sua investigação tem sido marcada por uma série de polêmicas, que vão desde a suspeita de encobrimentos promovidos por autoridades policiais, juízes e até mesmo o governo Kirchner, à morte do Promotor Alberto Nisman, encarregado da denúncia contra o governo.

A Argentina, que além de ser sede da maior comunidade judaica da América Latina, também abriga a maior comunidade islâmica da região, com destaque para a construção da Mesquita do Rei Fahd (maior mesquita do território latino-americano), financiada pela Arábia Saudita em parceria com o ex-presidente Carlos Menem e inaugurada no ano 2000, reúne dois povos historicamente conflituosos e que têm apresentado um aumento das suas tensões em virtude dos conflitos árabe-israelenses. É também importante mencionar que a Argentina é palco de inúmeras manifestações antissemitas e que abrigou inúmeros fugitivos nazistas a partir dos momentos finais da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), com destaque para Adolf Eichmann², capturado em 1960 pelo Mossad e levado a julgamento em Israel.

Em sua obra **Eichmann em Jerusalém** (1999), Hannah Arendt busca compreender o Holocausto a partir de uma análise biográfica de Adolf Eichmann, personagem central desse evento. De acordo com ela, o Holocausto foi resultado das ações de homens comuns que buscaram ascender socialmente no aparelho estatal através da realização metódica de tarefas burocráticas. A ausência de questionamentos morais ou éticos possibilitou a execução de atos responsáveis pelo massacre de milhões de vidas, o que, na visão da autora, configurou-se como a conclusão de um processo de banalização do mal. A capacidade destrutiva do Estado nazista, associada à ação de

² Ver ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

indivíduos dotados de uma frieza burocrática, característica do racionalismo exacerbado da modernidade, resultou na estupidez e na catástrofe humana, como é possível ver no trecho a seguir:

No Terceiro Reich, o Mal perdera a qualidade pela qual a maior parte das pessoas o reconhece – a qualidade da tentação. Muitos alemães e muitos nazistas, provavelmente a esmagadora maioria deles, deve ter sido tentada a não matar, a não roubar, a não deixar seus vizinhos partirem para a destruição (pois eles sabiam que os judeus estavam sendo transportados para a destruição, é claro, embora muitos possam não ter sabido dos detalhes terríveis), e a não se tornarem cúmplices de todos esses crimes tirando proveito deles (ARENDR, 1999, p. 167).

Contudo, mesmo após os Julgamentos de Nuremberg (1945-1946), o processo de banalização do mal persistiu e se manteve latente em práticas fascistas realizadas por grupos políticos e tribos urbanas neonazistas no pós-45. A fluidez e a capacidade adaptativa dessas práticas promoveram ataques de ódio contra judeus como também contra quaisquer grupos considerados como ameaça, ou, como afirmara Peter Gay (1993), o *outro conveniente*³. Entretanto, foi o processo de banalização do mal e de naturalização da violência que manteve a proposta de higiene social realizada nos anos 30 do século XX viva e direcionou sua cólera contra aqueles considerados invasores.

Sobre isso, verificam-se ao longo dos anos 1990 uma escalada de ataques contra a comunidade judaica-argentina, a saber, o atentado contra a Embaixada Israelense em Buenos Aires (1992); Atentado contra a Amia (1994); Agressão promovida por neonazistas contra o jovem Claudio Salgueiro (1995); Profanação de túmulos judaicos em Tablada e Ciudadela (1997-1998)⁴, o que evidencia o sentimento antissemita apresentado acima. No entanto, antes de nos debruçarmos sobre o caso, é preciso apresentar qual conceito de terrorismo será utilizado neste trabalho e o contexto histórico no qual está imerso o atentado.

Uma breve análise sobre Terrorismo contemporâneo: “O Horror, o horror!”⁵

Ao se debruçar sobre os últimos anos, o historiador Francisco Carlos Teixeira da Silva (2010) aponta que, ao contrário do que se previa pós 1991 (dissolução da URSS),

³ Ver GAY, Peter. *O Cultivo do Ódio: A Experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

⁴ Sobre esses casos, ver MAYNARD, Dilton Cândido Santos; SILVA, Gabriela Rezendes da. (2017).

⁵ CONRAD, Joseph.. 2000. (faltam informações)

o mundo não assistiu ao estabelecimento de relações internacionais otimistas, ainda que se almejasse uma redução das preocupações e exigências sobre a defesa e a segurança, o que evidentemente não aconteceu.

Caracterizado por um cenário cada vez mais tortuoso e enigmático, os últimos anos do século XX e os primeiros do século XXI apresentaram ao mundo um ambiente de incertezas e desesperança, no qual as expectativas de paz foram dilaceradas repetidamente por atentados terroristas viscerais, que modificaram as formas tradicionais de se compreender os conflitos.

Ainda que haja inúmeros e conflituosos conceitos sobre o termo Terrorismo, utilizaremos nesse trabalho, a definição estabelecida por Tore Bjørgo (2005):

A maioria concorda que o terrorismo é um conjunto de métodos ou estratégias de combate, do que uma ideologia ou movimento identificável, e que o terrorismo envolve o uso premeditado da violência contra (pelo menos principalmente) não-combatentes, a fim de alcançar um efeito psicológico do medo em outros do que os alvos imediatos. ⁶ Tradução nossa. (BJØRGO, 2005, p.2).

Além disso, concordamos com o autor na medida que ele estabelece que há um consenso entre os pesquisadores do tema, que estabelecem a definição de terrorismo vinculada ao extremismo dos meios e não aos seus fins(Tradução nossa. BJØRGO, 2005, p.2).

De saída, é preciso compreender que existem dois elementos ou situações que explicam o terrorismo. O primeiro consiste nas pré-condições para o terrorismo, que consistiria num contexto mais amplo composto por elementos históricos, aspectos político-econômicos e características socioculturais. Já o segundo, incidiria nos atos precipitantes para o evento terrorista, ou seja, determinadas situações ou práticas que colocariam em marcha os aspectos supracitados, possibilitando, assim, o estopim necessário para o ato extremista.

Bjørgo (2005) considera que existem alguns elementos que nos ajudariam a compreender o terrorismo e as suas manifestações: 1) Estruturas socioeconômicas, modelos políticos e suas crises corresponderiam em elementos pré-condicionais para o surgimento de grupos terroristas e conseqüentemente de atentados, os quais podem ser

⁶ “Most agree that terrorism is a set of methods or strategies of combat rather than an identifiable ideology or movement, and that terrorism involves premeditated use of violence against (at least primarily) non-combatants in order to achieve a psychological effect of fear on others than the immediate targets”.(BJØRGO: 2005. p.02).

coordenados por eles ou realizados por "lobos solitários" (indivíduos que agem sozinhos desconexos de um determinado grupo terrorista); 2) Tecnologias e mecanismos facilitadores, especialmente de comunicação, que permitem a dinamicidade e a praticidade para a realização de atos terroristas. Alguns estudiosos desse aspecto denominam essa condição de ecologia do terrorismo, a qual consistiria na cooperação internacional entre grupos terroristas em prol da realização de novos atentados. Dessa forma, por não possuírem território ou população específica para defender, as táticas tradicionais de guerra se tornam inúteis perante esses novos grupos; 3) Causas motivacionais: a forma como os impactos estruturais afetam os indivíduos e geram as condições necessárias para a ação terrorista. Elementos ideológicos, traumas pessoais, situações de insegurança, condições econômicas podem influenciar os indivíduos que se dedicam a esses atos e, por fim; 4) Elementos desencadeadores podem ser desde ultrajes realizados pelo adversário, como atos políticos que sejam vistos considerados como uma ameaça ou agressão.

Ainda assim, é também necessário compreender o terrorismo a partir de perspectivas que se distinguem em explicações a nível individual e grupal, a nível social e nacional e a nível sistêmico ou internacional. É necessário compreender que as razões para práticas terroristas e para o surgimento de grupos que o promovam são extremamente particulares. A saber, elementos de modernização econômica praticamente não se configuram como razões para o surgimento de grupos terroristas surgidos por questões e conflitos étnicos. Em muitos casos, o terrorismo é uma extensão do radicalismo de muitos conflitos e, por conta disso, não pode ser abordado por um único viés.

Perante o que foi posto, algumas perspectivas iniciais: é praticamente impossível definir terrorismo e a sua relação entre condições sociopolíticas, estruturas e condições socioeconômicas como fatores motivacionais exclusivos, , uma vez que existem vários perfis de terrorista. Um bom exemplo reside nos protagonistas do atentado contra as Torres Gêmeas: não eram de origem pobre, possuíam formação e não haviam passado privações socioeconômicas. Nesse sentido, Gupta (2005) acrescenta que “qualquer ato de "terrorismo", por mais definido que seja, é uma ação coletiva, um ato essencialmente político

tomado em nome de um grupo baseado em etnia, religião, nacionalismo ou orientação ideológica”⁷. Tradução nossa. (GUPTA, 2005, p. 16).

Sendo assim, é preciso compreender a criação de conexões entre estruturas emocionais internas dos indivíduos com a construção de crenças éticas ou sistemas político-ideológicos. Gupta (2005) entende que as motivações que explicariam a entrada e a participação de indivíduos em atos terroristas estaria relacionada a elementos egocêntricos. Para o autor, os indivíduos participantes desses atentados maximizam a importância do seu ato extremista e a somam aos benefícios possíveis para o grupo a que pertencem, e, caso essa análise seja superior aos custos, o ato terrorista é realizado.

Ainda assim, o autor ressalta que é preciso compreender as demandas psicossociais que explicariam o ingresso e a necessidade dos indivíduos adentrarem nesses grupos. Fatores como necessidade de socialização, crenças religiosas, aspectos culturais e a influência do líder são elementos fundamentais para a compreensão dessa temática. Ainda que haja a doutrina, ela sozinha não é responsável pelo processo de radicalização. É na figura de líderes carismáticos como Osama Bin Laden, no caso da Al Qaeda, ou dos Aiatolás iranianos, caso consideremos que o governo do Irã patrocina e viabiliza atentados promovidos por grupos radicais como o Hezbollah, que ela se torna um potencial instrumento destrutivo. Por isso, é fundamental compreender o papel da construção desses líderes carismáticos.

O líder se apresenta como um viés canalizador, responsável por unificar as vozes de segmentos sociais historicamente frustrados ou oprimidos, criando-se, assim, o cenário ideal para um ambiente de identidade coletiva na qual prevalece a ideia de "nós" contra "eles". O autor ainda evidencia que o processo de formação de grupos terroristas inicia-se, em geral, como um determinado grupo de pessoas que se reúnem por se identificarem em seus sentimentos de frustração ou indignação contra um determinado adversário ou perante uma dada condição. Esses grupos recebem orientações ideológicas de líderes carismáticos que são *eleitos* para representá-los numa luta tão *legítima* que quaisquer atos cometidos em nome dela tornam-se válidos.

Além disso, Gupta (2005) estabelece três perfis de terroristas em sua análise: 1) Terroristas profissionais ou Mercenários, os quais agem por interesses e oportunidades egoístas (saquear, estuprar ou ganhar notoriedade); 2) Crentes, aqueles que agem por

⁷ No original: “(...) *Any act of ‘terrorism’, however defined, is a collective action, a quintessentially political act taken in the name of a group based on ethnicity, religion, nationalism or ideological orientation (...)*”. (GUPTA, 2005. p. 16).

ideologia ou crença e, por fim; 3) Participantes cativos, aqueles que agem por medo de não serem inseridos no grupo. Uma vez traçado o perfil geral de terrorista, o autor utilizou a base de dados da ICT (Israeli-based International Police Institute for Counter-Terrorism)⁸ para definir o *modus operandi* desses indivíduos e de seus respectivos grupos. O autor conclui que os grupos terroristas não seguem um padrão previamente estabelecido, mas sim sua própria lógica interna. Significa dizer, então, que os elementos e aspectos culturais interferem diretamente nas práticas dos grupos terroristas atuantes no mundo.

Dito isso, algumas conclusões podem ser estabelecidas perante essa miríade de questionamentos: 1) Atentados suicidas se configuram como atentados promovidos por terroristas de fervor ideológico, ou como fora classificado anteriormente, *terroristas crentes*; 2) Atentados mais sofisticados, com o uso de carros bombas, atiradores e demais especificidades sem o sacrifício da própria vida são promovidos por aquilo que o autor denominou de *terroristas profissionais*; 3) Grupos que atuam a partir de sequestros e que os utilizam como mecanismos de financiamento, portanto, diante da sua dependência econômica, suas ações são movidas a partir de interesses materiais, classificados como *Mercenários*; 4) Grupos caracterizados por atividades de vandalismo são classificados pelo autor como *terroristas-hooligans* e, por fim; 5) Grupos que agem através de linchamentos e lapidação, caracterizados pela massificação dos seus atos, são denominados pelo autor de *terroristas vigilantes*.

Perante o que foi exposto, quais ações deveriam ser adotadas pelo Estado contra esses grupos? Gupta (2005) argumenta que as relações e os mecanismos de combate aos extremismos devem ser avaliados de modo que não se permita nem um Estado altamente coercitivo muito menos um Estado ausente. O autor argumenta que as ações estatais não podem combater o extremismo desses grupos, já que as tornarão ainda mais extremistas. A luta a ser travada deve ser feita sob as normas universalmente aceitas e os padrões de direitos humanos e procedimentos de justiça.

1. Em nome de Deus: o processo de formação do ativismo fundamentalista islâmico

De acordo com Silva (2010), é possível identificar alguns momentos bastante específicos sobre o terrorismo internacional: 1) 1880-1914 – terrorismo de caráter

⁸ Instituto de Política Internacional para o Contra-Terrorismo sediado em Israel. Tradução nossa.

anarquista; 2) 1945-1974 – terrorismo empreendido como ferramenta de luta anticolonial; 3) 1975-1985 – terrorismo político promovido por grupos de extrema-esquerda e extrema-direita; 4) 1993-até os dias atuais – terrorismo islâmico, caracterizado pela desmobilização de movimentos *mujahedines* (grupos guerrilheiros islâmicos de origem afegã que lutaram contra a ocupação soviética entre 1979-1989), que após derrotar os soviéticos, dedicaram-se a combater os novos inimigos, os quais seriam classificados por eles como *cruzados*, *pecadores* e os *sionistas* (ocidentais, regimes árabes moderados e o Estado de Israel). Aqui, nos interessa este último como ponto de partida para nossa análise.

Diante dos eventos ocorridos no Oriente Médio, ao longo da sua história recente, três acontecimentos podem ser elencados como ponto de partida para explicar as motivações que conduziram a guinada ao terrorismo islâmico. São eles, a invasão soviética contra o Afeganistão, a Revolução Iraniana e a Ocupação armada da Grande Mesquita de Meca, todos ocorridos em 1979, ano que se apresenta como a virada da maré para o mundo islâmico.

Como já fora mencionado, em 1979, tropas soviéticas invadiram o Afeganistão com o intuito de estabelecer a sua influência política através do Partido Popular Democrático do Afeganistão, partido comunista do país. A invasão soviética foi vista como uma tentativa de aniquilação da religião islâmica por infiéis invasores e, por isso, foi responsável pela unificação de várias tribos e etnias afegãs, que unidas a uma aliança estabelecida entre a maioria sunita e a minoria xiita, levou a poderosa URSS a uma amarga e custosa capitulação.

No Irã, grupos xiitas liderados pelo líder religioso Aiatolá Khomeini derrotaram o Xá Mohammad Reza Pahlavi, o qual havia sido acusado de subverter os valores islâmicos e se curvar à vontade ocidental, especialmente aos interesses estadunidenses. A Revolução Islâmica Iraniana se tornou um símbolo contra a opressão de sistemas políticos autocráticos, muitas vezes subservientes aos interesses estrangeiros. Nas palavras de Vasco Rato (2011):

A vitória dos revolucionários islâmicos iranianos provocou um terremoto em todo Oriente Médio. Do ponto de vista geopolítico, os países árabes circundantes temiam um regime que pretendia exportar a sua revolução para a vizinhança. Em vários países, com destaque para o Líbano, as minorias xiitas, inspiradas em Khomeini, organizavam-se em grupos militantes, como o hezbollah. Mesmo nos países sunitas, o exemplo de Khomeini indicava que

era possível derrubar ditaduras altamente repressivas e, aparentemente, irremovíveis (RATO, 2011, p. 24-25).

Enquanto isso, na Arábia Saudita, assistiu-se a um processo de radicalização de grupos religiosos denominados *wahabitas*⁹, que insatisfeitos com as posturas políticas da família al-Saud e com sua aproximação com governos ocidentais, levantam armas e invadem a Grande Mesquita de Meca. O governo saudita, diante dessa rebelião, recorreu a forças estrangeiras para pacificar o levante. Devido à acusação de que essas forças teriam profanado o mais sagrado local do Islã, explodiu uma violenta onda de indignação contra a família al-Saud, que passou a ser vista como apóstata e subserviente aos governos estrangeiros. Compreender esses eventos representa, antes de tudo, decifrar o processo de formação do pensamento fundamentalista islâmico no século XX.

Em seu conturbado livro **Em Nome de Deus**, Karen Armstrong (2001) aponta que os movimentos radicais e fundamentalistas são resultados de ambientes que proporcionam essa radicalização, especialmente, regiões caracterizadas por locais de crise. Em virtude da descrença generalizada, especialmente sobre as formas tradicionais de fé, milhares de indivíduos teriam buscado no fundamentalismo a resposta para os seus dilemas psicológicos e emocionais:

No mundo inteiro acha-se que as velhas formas de fé já não funcionam nas circunstâncias atuais: não conseguem prover o esclarecimento e o consolo que parecem vitais para a humanidade. Assim, tenta-se encontrar novas maneiras de ser religioso; como os reformadores e os profetas da Era Axial¹⁰, homens e mulheres procuram usar as percepções do passado para evoluir no mundo novo que construíram. Uma dessas experiências modernas - por mais paradoxal que possa parecer à primeira vista - é o fundamentalismo (ARMSTRONG, 2001, p. 9).

A autora entende que o mundo ocidental assistiu a um processo de racionalização responsável pelo esvaziamento do Mito (elemento simbólico de fé) em favor do Logos (elemento racional). Esse processo ocorrido ao longo da edificação da modernidade (século XV a XVIII) teria sido exportado para outras sociedades no mundo, a saber, África, América e Ásia, mais especificamente, Oriente Médio. No que

⁹ O Wahabismo consiste num segmento religioso islâmico de caráter puritano e fundamentalista nomeados para guardar a fé islâmica e proteger a Grande Mesquita de Meca.

¹⁰ Entende-se aqui como Era Axial o termo criado pelo filósofo Karl Jaspers em 1953 na obra *The Origin and Goal of History*. A expressão está associada a ideia de “eixo” fundamental para a humanidade e se relaciona com o surgimento de princípios morais e religiosos forjados entre os séculos VIII a.C e II a.C em diferentes lugares do mundo, a saber China, Índia e Ocidente.

se refere a este último, a ideia de modernidade encontrou como principal obstáculo os valores pré-estabelecidos pela comunidade islâmica, a qual passou a considerar a chegada dos elementos ocidentais como ferramenta de dominação e desmantelamento dos seus antigos valores. Obviamente, isso causou uma reação e esta tem se manifestado, ainda nos dias de hoje, mediante manifestações de movimentos fundamentalistas.

Nesse sentido, formou-se uma espécie de dualismo, no qual a modernidade ocidental se apresentava como grande ameaça às tradições islâmicas. Ao mesmo tempo, os valores locais dos povos dominados pelos europeus eram vistos por estes últimos como retrógrados e incivilizados. Não é a primeira vez que esse tipo de dualidade fora utilizada como ferramenta de luta, especialmente no que se refere à mobilização de grandes massas. Essa estratégia havia sido utilizada pelos revolucionários liberais europeus do século XVIII, que em nome da construção de uma sociedade racional e secularizada, combateram e renegaram todos os elementos associados ao Antigo Regime, que passaram a ser acusados de Obscurantismo.

Assim, como reação ao projeto ocidental, grupos fundamentalistas islâmicos entendiam que buscar tradições, resgatando valores locais através de princípios religiosos fundamentalistas era uma forma política de se opor ao dominador e também de mobilizar as massas contra o projeto em curso. Visto dessa forma, assim como no passado, o dualismo continua sendo utilizado como ferramenta ideológica de “arrebanhamento” de multidões em prol da luta política, ideológica e armada. Sob esse espectro, fora formada a *Sociedade dos Irmãos Muçulmanos*¹¹.

Considerada como uma das principais precursoras do Fundamentalismo Islâmico, a Sociedade dos Irmãos Muçulmanos, fundada em 1928, surgiu no Egito em um contexto de lutas por autodeterminação e descrença na tentativa de construção de um Estado Laico, conduzido pelo grupo político nacionalista Wafd, que assumira parcialmente o controle do país a partir de lutas iniciadas em 1919.

Aa independência conquistada pelo Wafd perante a Inglaterra foi estabelecida a partir de acordos que minavam a autonomia do país e conseqüentemente punham em xeque a credibilidade desse grupo diante da sociedade egípcia.

¹¹ Ver CASTRO, Isabelle Christine Soma de. **Do Islã à Política: A expansão da Sociedade dos Irmãos Muçulmanos no Egito.** 2014. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo.

A falência do Wafd, como projeto político, não representou apenas a derrota de uma proposta ou de um partido, mas, sim, a derrota de um projeto de Estado Laico com valores liberais e ocidentalizantes, que ao se enfraquecer, permitiu que a sociedade egípcia migrasse para as fileiras da Sociedade dos Irmãos Muçulmanos, liderada pelo Xeiique Al-Banna. Esse, por sua vez, defendia propostas de reforma na educação, através da introdução do ensino religioso obrigatório. Propunha também a adoção da shariah (lei islâmica), uma vez que ele compreendia o islamismo não apenas como um preceito religioso, mas como elemento que abrangeria todas as questões humanas.

Rapidamente, diante da inépcia do Estado Egípcio, a Sociedade dos Irmãos Islâmicos assumiu responsabilidades e funções que deveriam ser atribuições do governo. Construção de clínicas médicas, creches, escolas populares, defesa da reforma agrária, entre outras propostas, tornavam-se razões fundamentais que explicariam o aumento de suas fileiras cada vez mais compostas por camponeses e demais segmentos populares. Al-Banna, com o seu discurso nacionalista e voltado para medidas que atendiam às demandas da população, alcançou notoriedade, mas, acima de tudo, estabeleceu uma linha de pensamento político a ser reproduzido por uma geração de líderes ativistas fundamentalistas islâmicos.

Karen Armstrong (2001) argumenta que esse posicionamento pertencente ao líder muçulmano Abu Ala Maududi, o qual estabelece que não cabe ao homem determinar ou legislar para si e para outrem, uma vez que a lei já está posta pelas escrituras sagradas (Alcorão). Ao conceber o elemento legal dessa forma, Maududi nega a secularização ocidental iniciada sob os valores iluministas, sendo, inclusive, apresentado por ele, como uma via ainda mais democrática do que os elementos ocidentais.

O sistema islâmico protegia o Estado dos caprichos e ambições do governante. Libertava os muçulmanos da inconstância e da possível maldade do controle humano. Pelo princípio da shurah ("consulta"), o califa era obrigado a deliberar com seus súditos, mas isso não significava que a legitimidade do governo derivava do povo, como no ideal democrático. Nem o califa nem o povo podiam legislar. Podiam apenas administrar a Shariah. Portanto os muçulmanos deviam resistir às formas ocidentalizadas de governo impostas pelas potências coloniais, pois elas constituíam uma rebelião contra Deus e usurpavam a autoridade divina (ARMSTRONG, 2001. p. 201).

Na visão de indivíduos como Maududi, recorrer aos valores tradicionais era, sobretudo, um exercício de liberdade contra os sistemas políticos repressores e

secularistas que se impunham sobre a comunidade islâmica. Não é estranho, portanto, que essas propostas ideológicas tenham arregimentado grandes contingentes de indivíduos por onde tenha sido propagada eo Islamismo passasse a ser transmitido como uma ideologia de libertação

Foi nesse universo que foram formados os pensamentos de Sayyid Qutb e Abdullah Yusuf Azzam, os quais são basilares para compreender o fundamentalismo islâmico no século XX, especialmente a partir de 1979. Obviamente que não pretendemos adentrar de maneira mais aprofundada em seus elementos doutrinários, mas, sim, apresentar os principais elementos ideológicos que teriam composto a base doutrinária da Al Qaeda.

Uma das principais insatisfações desses teóricos era a saída da Civilização Islâmica do centro do mundo. A questão que se colocava para eles era: o que levou, na visão desses ativistas, a aquilo que eles consideravam como decadência da Civilização Islâmica? Nas palavras de Rato (2011): “a verdadeira clivagem opunha o Ocidente cristão ao Oriente islâmico; dito de forma diferente, Qutb mantinha que a linha divisória da contemporaneidade era entre o materialismo ocidental e a espiritualidade muçulmana”(RATO, 2011. p.34). Visto que o debate sobre decadência ou não de civilizações é amplo e extremamente complexo, não é o foco desse trabalho dar continuidade a essa discussão, mas sim, apresentar de maneira breve a sua existência.

Portanto, Qutb considerava que ao se permitirem abraçar os valores materialistas da cultura ocidental, os islâmicos teriam provocado o enfraquecimento da sua civilização e, com isso, perdido o posto que lhes era de direito: o centro do mundo. Para ele, seria necessário recorrer à jihad e às tradições islâmicas para combater o vazio espiritual propagado pelo mundo ocidental à sua cultura. O seu pensamento é uma oposição a tudo que os valores ocidentais secularizados representam.

O peso da "traição" ocidental após a 1ª Guerra (1914-1918), ao não criarem o Estado Árabe para as populações recém-libertadas do Império Turco-Otomano (1453-1919), levou a comunidade islâmica a se sentir frustrada e, conseqüentemente, abandonada , logo a comunidade buscou em movimentos coletivistas a resposta e a saída necessárias para formação do seu país. Esse sentimento esteve presente no pan-arabismo e também na ideologia de Sayyid Qutb e Abdullah Yusuf Azzam. “O ser humano dificilmente sustenta opiniões racionais, quando se sente enfrentando grandes obstáculos apenas para sobreviver” (ARMSTRONG,2001. p. 206). E foi sob esse espectro que a comunidade

islâmica se viu imersa em meio a essas tensões, seja por imposições colonialistas, seja por governos autoritários e ineptos perante às demandas da população. Sobre isso, Rato (2011) argumenta que “Azzam advogava o estabelecimento de um calafate que englobasse a totalidade das terras muçulmanas. A Jihad era, pois, um instrumento para, a longo prazo, atingir os objetivos políticos resultantes de uma leitura ideológica do mundo” (p. 38).

Azzam entendia que a principal justificativa para a decadência da civilização islâmica residiria em governos fracos e apóstatas que permitiram a interferência das potências ocidentais em seus respectivos países. Portanto, para ele, a única alternativa viável era a criação de condições que possibilitassem a implantação da *Umma*, especialmente após os acontecimentos ocorridos durante a ocupação da Grande Mesquita de Meca, que escandalizaram a opinião pública muçulmana. Para isso, era preciso combater todos os principais elementos ou símbolos de representação dos valores ocidentais, a saber, governos muçulmanos aliados do mundo ocidental, Israel e, por fim, os Estados Unidos.

2. Ao Sul da Fronteira: O atentado contra a Associação Mútua Israelita Argentina

Fundada em 1894 sob o nome de Jevrá Kedushá¹², a Associação Mútua Israelita Argentina fora criada com o propósito de proporcionar condições para a preservação das tradições judaicas. Destaca-se, aqui, a criação de um Cemitério judaico com o intuito de legitimar a presença judaica na composição social argentina.

A Argentina é caracterizada pela enorme presença de povos semitas em seu território, abrigando simultaneamente as maiores comunidades judaicas e árabes da América Latina. No entanto, foram frequentes casos de perseguição a esses povos, especialmente os judeus, em virtude de um forte sentimento antissemita histórico no país. Somado a isso, no século XX, governos argentinos apresentaram uma relativa proximidade aos governos fascistas, especialmente o Nazismo. Não foi estranha as participações de indivíduos e de organizações declaradamente nazistas no governo argentino no período conhecido como *Década infame* (1930-1943)¹³, como por

¹² Para mais informações, ver: <http://www.amia.org.ar/index.php/content/default/show/content/13>
Acesso 17 out 2017.

¹³ Período político argentino iniciado pelo golpe civil-militar contra o presidente Hipólito Yrigoyen caracterizado pelo autoritarismo e forte repressão às camadas populares.

exemplo, o *GOU* (Grupo de Oficiais Unidos), criado em 1943 com forte caráter nacionalista e anticomunista.

Pois bem, em 17 de março de 1992, a embaixada Israelense situada em Buenos Aires sofreu um atentado responsável pela morte de 29 pessoas. Reivindicado pelo grupo terrorista libanês Hezbollah, o ataque fora uma resposta do extremismo de caráter islâmico à fracassada tentativa de acordo de paz, ocorrida na Conferência de Madri (1991). No entanto, levanta-se o questionamento: Por que Buenos Aires?

Carlos Escudé e Beatriz Gurevich (2003) buscam em seu texto estabelecer uma relação entre o enfraquecimento do Estado Argentino, corrupção endêmica e institucional como razões potencializadoras para a realização de atentados terroristas contra a Argentina. Uma vez enfraquecido e mergulhado em casos de corrupção, o governo argentino não conseguiria estabelecer mecanismos necessários para o combate ao extremismo e, portanto, o país torna-se ambiente fértil para a proliferação desse tipo de prática. Contudo, as explicações não se encerram aqui.

Os autores argumentam que Carlos Menem, presidente argentino entre 1989-1999, descendente de imigrantes sírios, teria obtido financiamento do governo de Hafez al-Assad (presidente da Síria) em sua campanha presidencial. A partir disso, relações diplomáticas entre a Argentina, Síria e Líbia teriam se intensificado, sobretudo, em virtude dos interesses argentinos no projeto de mísseis balísticos Condor II e no desenvolvimento de tecnologia nuclear. Essa parceria geopolítica teria sido possibilitada em virtude da retirada do Iraque de acordos com a Argentina devido à Guerra do Golfo (1990-1991).

Apesar da proximidade entre esses países árabes e a Argentina, o projeto Condor II fracassou, assim como o projeto de desenvolvimento nuclear entre Argentina e Síria. Uma das razões que poderiam explicar o fracasso está relacionada às pressões estadunidenses e à implantação da sua hegemonia político-militar no Oriente Médio. Vitoriosos após a Guerra do Golfo (1990-1991), os EUA buscaram isolar países árabes contrários à sua política externa, além de pressionar a Argentina para aderir ao Tratado de Não-proliferação Nuclear realizado o encerramento do conflito no Iraque.

Desse modo, devido à adesão da Argentina ao acordo, as relações entre o país e a Síria se deterioraram, o que motivou o governo sírio retirar a Argentina da lista de países proibidos de ação do Hezbollah, organização terrorista libanesa pró-iraniana e sob proteção militar síria. O estopim da crise entre esses países se deu com a morte de

Abbas El Mousawi, secretário geral do Hezbollah, por forças militares americanas. A morte dele pode ser considerada o estopim decisivo para o ataque contra a embaixada israelense em Buenos Aires, o qual teria sido co-patrocinado pelo Irã e Síria e executado pelo Hezbollah, com o apoio logístico de mercenários locais de direita e anti-judeus suspeitos de possuírem ligações com as forças de segurança do Estado argentino. Mas essa é apenas uma parte da história, e muito possivelmente, teria sido apenas um ensaio para algo ainda mais bárbaro e violento: o ataque contra a AMIA (Associação Mútua Israelita Argentina) em 1994.

No dia 08 de julho de 1994, dez dias antes do atentado, um cidadão brasileiro (Wilson dos Santos) comunicou ao Consulado da Argentina em Milão¹⁴ sobre a possibilidade de um novo ataque contra a comunidade judaica em Buenos Aires. Wilson dos Santos, aparentemente, havia mantido relações criminosas com indivíduos provenientes do Oriente Médio na Tríplice Fronteira (região que integra as fronteiras do Brasil, Paraguai e Argentina), e, com isso, teria tido acesso a pessoas que o informaram sobre o novo ataque.

A região tem sido alvo de preocupações das autoridades dos três países já há algum tempo. Marcada por uma intensa atividade criminosa, tráfico de drogas e armas, lavagem de dinheiro, entre outras, a Tríplice Fronteira pode ser muito facilmente utilizada como região que forneceria subsídios necessários para o planejamento de um atentado em quaisquer regiões do globo. Amaral (2010) aponta que a corrupção generalizada e a fraqueza institucional dos três países que compõem essa área evidenciam obstáculos para o combate a quaisquer atividades terroristas que pudessem se desenvolver na região. Diante disso, a Tríplice Fronteira se tornaria uma área de fácil passagem de indivíduos que possuíssem conexão com células terroristas.

Em virtude dos acontecimentos ocorridos em 11 de setembro de 2001, as especulações de que, nessa região, houvesse atividade dessa natureza aumentaram, o que levou à criação do “Grupo 3+1”, que é caracterizado a seguir:

Também chamado de Mecanismo ou Grupo 3+1, trata-se de um foro de caráter informal que reúne autoridades governamentais de Brasil, Argentina, Paraguai e Estados Unidos, estruturando uma instância comum de coordenação e consulta dotada de três objetivos principais: (1) facilitar e dinamizar o intercâmbio e compartilhamento de informações, (2) desenvolver e articular políticas de segurança coordenadas regionalmente para a zona de

¹⁴ Ver ESCUDÉ, Carlos. GUREVICH, Beatriz (2003).

fronteira tríplice e (3) elaborar documentos públicos assinados de comum acordo pelos quatro governos nacionais envolvidos (os “Comunicados Conjuntos”), nos quais se expressa a postura oficial e o consenso dos membros do grupo sobre o tema do terrorismo internacional na região (AMARAL, 2010. p.167).

Para além de questões de segurança, compartilhamento de informações e *comunicados conjuntos*, as autoridades envolvidas no Grupo 3+1 entendiam também que era preciso promover o desenvolvimento social e econômico da região para coibir o desenvolvimento de atividades criminosas e, por sua vez, terroristas. A Tríplice Fronteira é basicamente composta por três cidades: Foz do Iguaçu (Brasil), mais rico e de forte presença árabe, Ciudad del Este (Paraguai), principal área comercial, e Puerto Iguazú (Argentina), cidade mais pobre dessa região. Nas palavras do Jornal Folha de São Paulo (2003)¹⁵, a Tríplice Fronteira seria uma cidade com *três bairros*.

No entanto, apesar de discursos e esforços diplomáticos, a região continuou a sofrer com a má articulação entre os países membros do Grupo 3+1, e, ainda, por ações marcadas pela unilateralidade estadunidense, o que dificultou ainda mais quaisquer políticas que visassem dirimir os problemas da região da Tríplice Fronteira. Mesmo com isso, não foram detectadas células terroristas na região, ainda que ela fosse alvo de disputa geopolítica entre os EUA e o Irã (AMARAL, 2010).

Assim, no dia 18 de julho de 1994, a Associação Mútua Israelita Argentina sofreu um atentado terrorista, responsável pela morte de 85 pessoas, por cerca de 300 feridos e por aquele que fora o maior ataque à comunidade judaica desde a era nazista. Mesmo com tantos agravantes, o caso continua sem respostas claras, mas com inúmeras especulações. O rabino Avi Weiss é uma das principais vozes a levantar suspeitas sobre a cumplicidade do governo Menem e autoridades argentinas em relação aos atentados. Weiss denunciou que Monzer al Kassar, terrorista sírio, era envolvido numa série de negócios escusos com membros do governo e das forças armadas argentinas na Era Menem (1989-1999), e que esteve associado à lavagem de dinheiro pelo Banco de Crédito Comercial Internacional, o qual teria promovido financiamento a práticas terroristas.

Monzer al Kassar poderia ter sido o elo necessário para provar a participação da Síria no financiamento ou planejamento dos atentados contra a comunidade judaica em Buenos Aires, no entanto, apesar do Relatório oficial AMIA / DAIA (Delegação de

¹⁵ Ver <<https://www1.folha.uol.com.br/fofha/mundo/ult94u50015.shtml>> Acesso 20 maio 2017.

Associações Israelitas Argentinas) (1997) recomendar a continuidade das investigações, autoridades israelenses optaram por não levar a investigação adiante por entender o papel estratégico da Síria nas negociações de paz no Oriente Médio naquele período. Outro documento importante é o relatório produzido pelo Acción por la República (partido político do ex-ministro da Economia, Domingo Felipe Cavallo), o qual sugerira um encobrimento para ocultar o financiamento da campanha ilegal de Menem pela Síria e pela Líbia, e as promessas insatisfeitas de Menem para os países árabes, como um gatilho a bombardeios.

Outras graves denúncias apontam para a retirada de policiais do local do atentado momentos antes do ocorrido e para o emprego de pessoas com posturas de extrema-direita em cargos oficiais, como é o caso de Pascual Oscar Guerrieri, acusado de ter sido torturador durante a última ditadura militar, e que fora nomeado por Menem como um assessor SIDE (Secretaria de Inteligência de Estado).

Também podemos acrescentar como suspeito um ex-coronel da inteligência síria (Ibrahim al Ibrahim), intimamente ligado a Menem, que teria recebido cidadania argentina e, mesmo sem dominar o idioma espanhol, teria sido nomeado assessor especial da Alfândega argentina, posição essa que lhe facilitaria acesso a quaisquer atividades de tráfico ilícito.

Nesse sentido, a atuação autônoma de organismos do governo evidencia o esvaziamento do poder central e os sérios problemas de governabilidade por parte do Estado argentino. Perante essas suspeitas e denúncias, resta o papel do grupo Memoria Activa (Grupo composto por familiares das vítimas do atentado contra a Embaixada Israelense e AMIA) como organismo civil que tem atuado na promoção de ações que pressionem as autoridades em busca da verdade, especialmente em ações que cobram a atuação do juiz responsável pelo caso, Juan José Galeano.

O correspondente do New York Times, Larry Rother, publicou uma entrevista na qual Nilda Garré (chefe da Unidade Especial de Investigação do Ministério da Justiça os Ataques) teria dito:

não só não houve apoio para chegar ao fundo deste caso; Você também pode dizer que alguns órgãos do governo sabotaram ativamente a investigação (...). (...) a inteligência do estado e a polícia federal estão claramente envolvidas ... mas também há evidências que apontaram para o envolvimento de agências

que vão desde a Imigração até o Ministério das Relações Exteriores (GARRÉ, in ROTHER, 2002)¹⁶. Tradução nossa.

Portanto, é preciso atentar para o fato de que a corrupção generalizada existente em vários segmentos das agências de segurança do Estado argentino, provou ser um elemento importante tanto no encobrimento quanto nas cumplicidades de envolvimento mercenário que facilitariam o ataque. É preciso também lembrar que essa corrupção endêmica, responsável pelo enfraquecimento do poder central argentino é marcante desde o seu período ditatorial, o qual teria concedido autonomia suficiente para que grupos paramilitares e a agência de inteligência do Estado agissem livremente contra os seus opositores e, com isso, fosse responsável pela perpetração de inúmeros crimes.

Obviamente que não podemos e nem pretendemos afirmar, aqui, que os atentados ocorridos em 1992 e 1994 podem ser considerados como desejáveis pelo governo. Este, diante dos fatos, buscou promover encobrimentos desses crimes para evitar a revelação de situações criminosas muito maiores.

A partir de 1996, apesar das pressões iniciais, a AMIA e a DAIA (Delegação de Associações Israelitas Argentinas) adotaram uma postura moderada no que se refere a suas exigências perante o governo argentino. Contudo, o grupo *Memoria Activa* manteve uma postura ríspida e ainda mais radical, denunciando por vezes situações suspeitas e até mesmo corruptas de autoridades envolvidas na investigação. Uma delas aponta que a moderação da DAIA e de seu presidente, Rubén E. Beraja, em relação ao governo Menem, estaria relacionada a favorecimentos que o Banco Central Argentino teria proporcionado para o Banco Mayo, pertencente a Beraja. O caso AMIA continua em aberto e repleto de questionamentos.

Considerações finais

O presente artigo é fruto de investigações iniciais sobre o atentado promovido contra a Associação Mútua Israelita Argentina. Para isso, buscamos estabelecer uma construção, ainda que superficial, do pensamento fundamentalista islâmico

¹⁶ not only has there been no support for getting to the bottom of this case; you can also say that some government organs have actively sabotaged the investigation (...). (...) state intelligence and the federal police are clearly involved... but there is also evidence pointing to the involvement of agencies ranging from Immigration to the Foreign Ministry¹⁶ (GARRÉ, in ROTHER, 2002).

contemporâneo como uma ideologia de ativismo político que tem se ramificado pelo mundo nos últimos anos, especialmente após a Revolução Islâmica Iraniana (1979).

Acreditamos que o atentado contra a AMIA é apenas a ponta de um enorme iceberg a ser desvendado, e para isso, lançamos aqui perguntas ainda não respondidas ou mal compreendidas, que imersas em inúmeras dúvidas e suspeitas, apresentam problemas a serem discutidos no futuro: 1) a relação entre o atentado e o antissemitismo argentino; 2) o papel do Irã e os seus objetivos, caso seja comprovado o seu envolvimento; 3) a possibilidade de envolvimento da ex-presidente Cristina Kirchner e 4) o papel das mesquitas na propagação dessa ideologia política. Enfim, ainda há inúmeros vazios e possibilidades a serem investigadas e discutidas.

Este artigo não tem como pretensão esgotar essa temática, ao contrário, a ideia presente aqui é levantar mais possibilidades e questionamentos para a pesquisa e conseqüentemente, lançar luz a um tema ainda obscurecido. cabe aos investigadores e pesquisadores buscar respostas para os sobreviventes e através delas, trazer a possibilidade de compreensão e esperança para um porvir.

Referências

AMARAL, Arthur Bernardes do. O problema do terrorismo internacional na América do Sul e a Tríplice Fronteira: histórico e recomendações. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira. CHAVES, Daniel Santiago (Org.) **Terrorismo na América do Sul: uma ótica brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2010.

ARMSTRONG. Karen. **Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BJØRGO, Tore. **Root Causes of Terrorism: Myths, Reality and ways forward**. Oxfordshire: Editora Taylor & Francis e-Library, 2005. E-book. ISBN 0-203-33765-4. Disponível em <http://b-ok.org/book/976736/8dbce5>. Acesso 15 set 2017.

CASTRO, Isabelle Christine Soma de. **Do Islã à Política: a expansão da Sociedade dos Irmãos Muçulmanos no Egito**. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

CONRAD, JOSEPH. **O coração das Trevas**. Lisboa: Editora Estampa, 2000.

ESCUDE. Carlos. GUREVICH. Beatriz. Limits to Governability, Corruption and Transnational Terrorism: The Case of the 1992 and 1994 Attacks in Buenos Aires. **Estudios Interdisciplinarios de América Latina y el Caribe**. Tel Aviv, n. 2, vol. 14, 2003. Disponível em <http://eial.tau.ac.il/index.php/eial/article/view/922/958>. Acesso 19 set 2017.

GARRÉ, Nilda. In: ROHTER, Larry. Iran blew up Jewish Center in Argentina, **New York Times**, 2002. Disponível em <http://spme.org/newsletter/nytimes-com-article-iran-blew-up-jewish-center-in-argentina-defector-says/>. Acesso 15 set 2017.

GAY, Peter. **O Cultivo do Ódio**: A Experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

GUPTA. Dipak K. Exploring roots of terrorismo. In: BJØRGO, Tore. Root Causes of Terrorism: Myths, Reality and ways forward. Oxfordshire: Editora Taylor & Francis e-Library, 2005. p. 16-32. E-book. ISBN 0-203-33765-4. Disponível em <http://b-ok.org/book/976736/8dbce5>. Acesso 15 set 2017.

HOBSBAWN, Eric. **A Era dos Extremos**: o breve século XX 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JASPERS, Karl; BULLOCK, Michael (Tr.). **The Origin and Goal of History** (1st English ed.). London: Routledge and Keegan Paul, 1953.

MAYNARD, Dilton Cândido Santos. SILVA, Gabriela Rezendes da. A Extrema Direita Argentina em ação: Intolerância, Violência e Antissemitismo (1995-2002). In: MAYNARD, Dilton Cândido Santos (org.). **Extremismo no tempo presente**. Rio de Janeiro: Editora Autografia, 2017.

RATO, Vasco. **Compreender o 11 de Setembro**: dez anos depois. São Paulo: Editora Babel, 2011.

SAIBA mais sobre a Tríplice Fronteira. **Folha Online**. São Paulo, 07 jan. 2003. Seção Mundo. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u50015.shtml>. Acesso 20 de maio 2017;

SILVA, Francisco Carlos Teixeira. CHAVES, Daniel Santiago (Org.) **Terrorismo na América do Sul: Uma ótica brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2010.

_____. Terrorismo e guerra na era da assimetria global. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira. CHAVES, Daniel Santiago (Org.) **Terrorismo na América do Sul: uma ótica brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2010.